



**UNIVERSIDADE  
TECNOLÓGICA DO  
ESTADO DE SÃO PAULO**



## Apresentação

Este texto objetiva divulgar as idéias básicas desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho incumbido de realizar estudos e propor as medidas necessárias à criação e implantação da UTP.

Considerando tratar-se de versão resumida, colocamo-nos à disposição para fornecer detalhes específicos de documentação mais ampla.

Comissão de Implantação  
da Universidade.

Folheto  
x=43  
Ex=01

O ensino superior não acompanhou, no Brasil, nem em quantidade nem em qualidade, o atual estágio de desenvolvimento científico e tecnológico. Diante do quadro de dificuldades por que passa o País e que castiga especialmente áreas como a da educação, é possível dizer até que o ensino superior faz o que pode — com destaque para os esforços de algumas instituições entre as quais se podem incluir, sem medo de favorecimento, as universidades estaduais de São Paulo.

Acanhada, esquecida e emperrada, a Universidade faz jus aos clichês que a sociedade lhe atribui, implacavelmente: é elitista, excludente e, através do malfadado funil chamado vestibular, perpetua o caminho privilegiado que começa no acesso às melhores escolas e termina no acesso aos melhores empregos.

No caso geral da universidade pública, esse sistema é além de cruel, injusto: o investimento que, vindo do contribuinte, é de muitos, acaba atendendo a uns poucos. Todas as tentativas de democratização do acesso à universidade pública esbarram na realidade de suas dimensões; em São Paulo, apenas 13% do total de matriculados em curso superior se beneficiam das três universidades estaduais (53.846 alunos, segundo dados de 1985). Isso é, claramente,

muito pouco, num país em que raros são os que têm condições financeiras de recorrer às escolas particulares.

A **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo (UTP)** se propõe a ser uma novidade em tudo isso. Pretende, como entidade de ensino de massa, atender ao aspecto quantidade, mas, por sua própria natureza, tem os olhos voltados, também, para a qualidade.

A ciência e a tecnologia não se cansam de apresentar, a cada momento de seu atordoante avanço, aqui e fora daqui, novos desafios e nem o Brasil, nem sua universidade, nem os centros de pesquisa ligados ao poder público têm conseguido manter-se a par das novidades. A rapidez das mudanças tecnológicas colide de frente com a universidade convencional, morosa e alheia à realidade. Continuando as coisas como estão, o atraso tecnológico do país será irreparável.

No Japão, na Europa ocidental, nos países do leste europeu verifica-se a tendência à criação de um ensino superior de outro tipo, em que a produção de conhecimento tenha a ver diretamente com sua aplicação prática e a formação do profissional especializado se identifique com o que esperam dele as necessidades tecnológicas e científicas do sistema produtivo, ou do ambiente social, ou de outras instituições públicas e privadas. A **UTP**, aclimatada às demandas de um país em desenvolvimento, se-

que esse modelo de instituição atenta ao mundo que a cerca, decretando o fim da época em que a universidade dava a impressão de só estar voltada para si mesma, como uma grande corporação.

Uma universidade que pretenda manter-se em dia com o avanço significa uma universidade com flexibilidade — ou seja, uma instituição com condições especiais de funcionamento mais maleável, francamente inovadora, rápida de reflexos. Esse dinamismo não pode ser intenção, terá que ser gesto, com o risco de comprometer o próprio modelo criativo da **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo**. Exige liberdade maior para o recrutamento do corpo docente, regime de trabalho mais flexível, atenção para as pesquisas encomendadas de fora, novos sistemas no ingresso dos alunos, etc.. Não será exagero afirmar que o propósito da **UTP** é levar, efetivamente, a sociedade para dentro da Universidade, num mútuo e lucrativo sistema de trocas.

A **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo** não está disposta a ceder a rigores burocráticos que impediriam, por exemplo, a seus alunos, dividirem sua carga horária escolar entre as salas de aulas e estágios em empresas ou instituições em que exercitem seu novo ofício; ou que se recorra à experiência de pessoas de fora da universidade, como professores ou monitores; ou que os currículos tenham o mínimo de rigidez e o máximo de elasticidade, de forma que cada aluno construa o curso

de sua pessoal conveniência e profissional recompensa. Mesmo o atual sistema de vestibular é incomparável com o que propõe a **UTP**, tanto que gestões estão sendo desenvolvidas junto ao Ministério da Educação para se encontrarem outras formas que facilitem um acesso mais democrático à instituição. Por último, a própria localização de um campus, na Zona Leste de São Paulo, já sinaliza a intenção de privilegiar uma população mais carente de instrução de terceiro grau. Cursos noturnos, bolsas de estudo, incentivos financeiros, estágios remunerados — essas são outras facilidades que a proximidade entre a **UTP** e as empresas públicas e privadas poderão reverter em prol de alunos menos favorecidos.

Convém, por precaução, despojar, da expressão “tecnologia”, a estreiteza de sua conotação mais comum. A **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo** não se interessará apenas em formar peritos em informática ou profissionais capazes de entender a complexidade das operações produtivas de uma companhia de telecomunicações. Novos e arejados conhecimentos tecnológicos são exigidos em áreas absolutamente prioritárias, como a educação, a saúde e a administração — tanto privada quanto pública. É aí, inclusive, que a **UTP** pode trazer a sua melhor contribuição.

São esses, de resto, os setores aos quais profissionais especializados mais fazem falta, na injunção cruel de dois fatores complementares, a compe-

tição invencível da grande empresa e a incapacidade do ensino de molde tradicional em ampliar os quadros disponíveis no mercado de trabalho. Por seu caráter de ensino superior de massa, a **UTP** se compromete a suprir a demanda dos preciosos profissionais aptos a levar novas concepções e novas técnicas a postos de saúde, a hospitais da rede pública, ao ensino estadual de primeiro e segundo graus e à máquina administrativa do Estado. Será a transformação qualitativa da estrutura via transformação qualitativa do profissional — e, como consequência, a progressiva contaminação de eficiência na atividade pública.

Imagine-se, por exemplo, a aptidão adquirida por um professor de ciência de segundo grau que tenha tido acesso aos centros de pesquisa e laboratórios de última geração previstos no projeto da **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo**. Do mesmo modo, será mais do que bem-vinda a formação de um profissional qualificado da área de saúde dentro de métodos de racionalização que corrijam práticas tradicionais dominadas pela modorra e pelo desperdício. Sem falar no arejamento e na eficiência que se poderão esperar da administração pública, a partir do engajamento de profissionais diplomados — e até agora carentes no mercado.

Uma revolução pedagógica que elimine gradualmente o vestibular e introduza no nível superior uma nova linguagem da tecnologia e da ciência irá

mexer, verticalmente, com todo o sistema de ensino público estadual, de primeiro e segundo graus. Essa cooperação dinâmica não será mais uma proposta teórica, e sim uma consequência natural. Cursos superiores ministrados nas próprias oficinas de trabalho darão, com certeza, o exemplo para a criação de cursos de nível médio também integrados progressivamente com o sistema produtivo. E, assim, num processo de salutar contaminação, toda estrutura educacional poderá copiar o que a **UTP** trará de novo, inclusive a possibilidade de aportes financeiros sem que se abra mão da autonomia de ensino e da pesquisa.

O Grupo de Trabalho encarregado de dar formato ao projeto da **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo** sugeriu ao Governo do Estado que passe a operar, desde já, uma Comissão Executiva, presidida por um Reitor Pró-Tempore. Essa Comissão se responsabilizaria em conferir ao projeto a rapidez que sua implantação exige, sob pena de mergulhar na sonolência burocrática das ótimas intenções que nunca viram realidade. No prazo máximo de um ano, as primeiras etapas estariam cumpridas e a **UTP**, efetivamente funcionando.

De imediato, a Comissão Executiva trataria de preparar um Plano Diretor para a nova Universidade, a ser gradualmente implantado através da incorporação do CEET “Paula Souza”.

A sociedade brasileira quer soluções eficientes e rápidas que dêem conta de sua complexidade e dos desafios que o desenvolvimento cobra dela — havendo ou não havendo crise econômica. A ciência se move, em benefício dos homens, mas tem o seu preço na exigência da formação de profissionais que decifrem continuamente seus avanços. O tecnólogo não é o apertador de parafusos perdido em meio às engrenagens complicadas de um processo de automação que ele não consegue perceber, em sua integridade — ao contrário, o tecnólogo é exatamente o profissional capaz de entender a prodigiosa modificação que se passa à sua volta e atuar sobre ela.

No tripé assentado sobre o pluralismo de idéias, a consciência das necessidades da sociedade e a liberdade acadêmica, a **Universidade Tecnológica do Estado de São Paulo** possibilitará oferecer a seus futuros alunos a perspectiva de uma completa formação técnica sem jamais perder de vista a dimensão humanista do trabalho.



**CENTRO PAULA SOUZA**  
**UNIDADE DE ENSINO MÉDIO E TÉCNICO (Cetec)**

**CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



**Origem do documento: Centro Gestão Documental (CGD) do Centro Paula Souza, em 14/06/2018**

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (Cetec/GEPEMHEP) – escaneou documento NR 281, em 22 agosto de 2018.**